



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – SEHLA.
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DELET
LETRAS PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

A INFLUÊNCIA DO NEUTRO LATINO NA FORMAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Silvia Gutzeit Brasil
silvia.brasil@hotmail.com

Ari José de Souza (orientador)
Linha de pesquisa: Latim Português

Resumo: Este trabalho aborda alguns aspectos da língua latina, sobretudo do latim vulgar, este que dá origem as línguas neolatinas, dentre as quais a língua portuguesa. O estudo está voltado, especificamente, para o gênero neutro latino com intuito de verificar a sua contribuição para a formação da língua portuguesa, bem como aprofundar um pouco mais nossos conhecimentos em torno desse tema. Para isso, consideramos necessário apresentar uma breve retomada da história da língua latina, de suas modalidades, quais sejam, latim clássico e latim vulgar, os gêneros masculino, feminino e neutro, nosso foco de estudo, e como este desaparece na passagem do latim para o português. O trabalho toma como base autores estudiosos da língua portuguesa e da sua história como Ismael Coutinho, Dolores Garcia de Carvalho e Manoel Nascimento, Câmara Júnior entre outros.

Palavras-chave: Latim Clássico; Latim Vulgar; Gêneros Latinos; Neutro Latino; História da Língua Portuguesa.

Introdução

Ao considerar a língua Latina, bem como todo o seu processo de evolução, principalmente no que se refere às transformações fonéticas por ela sofridas, na passagem do latim clássico ao vulgar, é que procuramos, neste trabalho, apresentar alguns aspectos da língua latina, dando enfoque especialmente ao latim vulgar, uma vez que este latim que dá origem as línguas românicas, dentre elas, a língua portuguesa. Nesse sentido, o estudo está voltado, especificamente para os gêneros latinos, quais sejam, o masculino, feminino e o neutro, cujo objetivos são: (i) verificar a contribuição do gênero neutro latino para a formação da língua portuguesa e, (ii) verificar as causas do seu apagamento e quais gêneros assumiram na nossa língua, procurando compreender as causas dessas transformações.

Dessa forma, com ênfase maior no gênero neutro, analisaremos sua influência na formação da língua portuguesa e sua contribuição para essa língua, com o intuito de listar os fenômenos ocorridos nessa evolução/processo, pois em dados levantados, as causas do desaparecimento ocorrem com as reduções dos

casos, redução das declinações, analogia das formas e a desnecessidade da oposição entre gênero animado e o inanimado.

Por considerar que o latim é uma língua morta, isto é, aquela que não mais é falada, encontramos informações e dados, em sua maior parte, coletados em livros e em trabalhos divulgados via internet. Cabe lembrar que o material utilizado neste trabalho foram as obras: *Gramática Histórica colegial e vestibulares* (1970) de Dolores Garcia Carvalho e Manoel Nascimento, *Pontos de Gramática Histórica* (1976) de Ismael de Lima Coutinho, *Gramática superior da língua latina* (1958) de Ernesto Faria, *Nova gramática do português contemporâneo* ([1985] 2012) de Celso Cunha e Luís Filipe Lindley Cintra, *História e estrutura da Língua Portuguesa* (1979) de Joaquim Mattoso Câmara Jr., entre outros estudiosos dedicados à história da língua portuguesa.

Considerações sobre a história da Língua Portuguesa

Na *Gramática Histórica* (1970) escrita pelos autores Carvalho e Nascimento, afirma-se que a Língua Portuguesa teve sua origem em um prolongamento do latim levado pelos romanos à Península Ibérica, essa origem ocorreu por volta do século VI a.C. quando os Celtas invadiram os Iberos e com tempo mesclaram dando origem aos povos Celtiberos junto com os Fenícios com os Gregos e os Cartagineses formaram colônias comerciais em vários pontos das penínsulas, como os cartagineses pretendiam se apoderar totalmente os celtiberos clamaram em seu socorro os romanos que venceram os cartagineses, as legiões romanas dominaram toda a Península, tornando-a província romana, em 197 a.C. esse título não foi apenas político-militar, mas, principalmente, cultural, Romana, paralelamente à sua conquista territorial, ia realizando a conquista linguística impondo ao povo a sua língua, o Latim, que passa a ter prestígio de língua oficial, ensinada nas escolas, usadas nas relações comerciais tornando a língua vencedora da época. Entretanto houve uma dissolução da unidade política do império, as escolas foram fechadas, pois se julgava que instrução enfraquecia o espírito guerreiro dos homens; houve também o desaparecimento da nobreza romana que cultivava as letras latinas, assim como foi proibida pelo cristianismo a leitura dos clássicos latinos, por

considerar suas obras contaminada pelo espírito pagão. A partir da queda do império Romano, o latim vulgar passou a se desenvolver independentemente em cada região, isto é, dialetou-se. A dialeção do latim vulgar tem como causa imediata a invasão bárbaro-germânica, como causa mediata a ação do substrato linguístico.

A língua portuguesa passou por três fases denominadas como: pré-histórica, proto-histórica e histórica. A fase histórica está subdividida em período do Português Arcaico e período do Português Moderno e, a partir do século XV, por meio da expansão marítima de Portugal, descobrindo e colonizando novas terras a Língua portuguesa foi levada a essas regiões conquistadas estendendo o seu domínio geográfico e atingindo hoje os seguintes domínios: Português Continental, Português Insulano, Português Ultramarino, no Ultramarino, subdivide-se em: brasileiro, indo-português, dialeto crioulo de Ceilão, de Macau, malaio-português, português de Timor, dialeto de Cabo-Verde, dialeto de Guiné, português de Angola, Moçambique, Zanzibar, Mombaça, Melinde e Quíloa. Em algumas regiões da África e da Ásia, os portugueses, em contato com os indígenas, fizeram com que a língua portuguesa sofresse alterações, dando origem ao dialeto crioulo.

Segundo Coutinho (1976), as causas históricas deram-se em diferentes épocas. Roma não impôs o seu julgo simultaneamente a todos os povos, e sim prolongou-se consumindo vários séculos de dominação ao mundo. Ao receber a língua latina, cada povo a transformava ao seu modo de acordo com os hábitos e fonética própria, a política foi a maior causa de diferenciação da língua, já que, quando laços políticos se rompem, começam as divergências referentes à língua, à proporção que os anos passam, diminuem as relações entre metrópole e colônia e, como consequência, o que acaba por facilitar a criação de dialetos que, com o passar do tempo, transformam-se em línguas independentes.

Latim clássico e latim vulgar

Para tratar de aspectos que envolvem a história da língua portuguesa é importante compreendermos como se deu o processo de evolução que originou essa língua. A língua portuguesa é uma língua neolatina e, portanto, originou-se do latim.

O latim é uma língua antiga do indo-europeu, originalmente falado na região do Lácio, na Itália e difundido pelo império romano. No início era apenas latim, mais tarde passou a Latim clássico e Latim Vulgar. O latim clássico falado pelas classes cultas pela aristocracia, os governadores, escritores e senadores. O Latim vulgar falado pelas classes inferiores pessoas incultas, como os agricultores, os soldados, barbeiros, sapateiros, taverneiros, homens livres e escravos.

Segundo Coutinho (1976), o Latim é dividido em duas modalidades, o Latim Vulgar e o Latim Clássico, que não eram duas línguas diferentes e sim dois aspectos de uma mesma língua, o clássico utilizado pelas classes privilegiadas, isto é, aqueles que tinham acesso à cultura, como os magistrados e os literatos, enquanto o Latim vulgar utilizado por pessoas simples do povo, como os agricultores, sapateiros e pelos soldados romanos.

Os aspectos diferentes são observados na fonética, no léxico, na morfologia, e na sintaxe, que marcam as distinções entre as duas modalidades. Na fonética, os vocábulos proparoxítonos do latim clássico como a palavra alegre, por exemplo, é *àlacre*; já no latim vulgar, pela tendência a evitar palavras proparoxítonas, passa à paroxítona *alácre*; o mesmo ocorre com a palavra cadeira: no clássico *cáthedram* e no vulgar *cathédra*, e assim com outros vocábulos proparoxítonos.

No Léxico a preferência encontra-se no emprego dos sufixos diminutivos como, por exemplo, a palavra orelha *Auris* do latim clássico é substituída, no latim vulgar, pela forma diminutiva *Auricula*. Outro exemplo é a palavra cavalo *Equus* no latim clássico passando a diminutivo no latim vulgar *Caballu*,

Quanto à Morfologia, as diferenças estão no uso de formas analíticas, vejamos quanto ao uso de artigos e pronomes, no latim clássico a palavra livro, por exemplo, dizia-se *liber* e no latim vulgar *illu librus* ou *unu libru*, que traduzindo para a língua portuguesa seria o livro ou um livro. No que se refere aos adjetivos, enquanto o latim literário formava um comparativo e superlativo de maneira sintética, o latim vulgar usava as formas analíticas, ou seja, mediante a advérbios antes ao adjetivo exemplo no clássico temos a palavra *dulcior*, forma sintética, no latim vulgar toma a forma analítica *plus Dulce*. São também notórias as formas analíticas na voz passiva dos verbos, tomemos como exemplo a palavra *Amor*, forma sintética do verbo amar no presente do indicativo, na voz passiva, ou seja, eu sou amado, no latim clássico,

na forma do infinitivo latino, o verbo é *amare*, amar, na passagem para o latim vulgar, toma a forma analítica *amatus sum*.

Na Sintaxe, é possível perceber nos estudos realizados que ocorre o aumento das preposições, tomemos como exemplo a palavra livro, enquanto sujeito, no latim clássico, *liber* no latim vulgar *illu/unu libru*; um livro ou o livro, se a função for restritiva, no latim clássico, tem a forma *libri*, como na expressão *libri Petri*, o livro de Pedro, no latim vulgar *libru de Petru*; se a função for de objeto indireto, no clássico, *libro*, no vulgar a palavra ganhou um reforço de preposição passando a *ad libru*. Podemos também observar que na sintaxe as orações subordinadas substantivas poderiam ser reduzidas de infinitivo, tomemos um exemplo apresentado por Coutinho (1996) “O povo diz que a terra é redonda” no latim clássico *vulgus dicit terram esse retundam* no latim vulgar a preferência estava pela forma analítica ficando assim *vulgus dicit quod terra est rotunda*.

Ainda na sintaxe, no latim literário, a função sintática da palavra era vista pela desinência dos casos, como pode ser observado na frase “Deus ama o homem” *Deus hominem diligit* ou *Hominem diligit Deus*; no latim vulgar de forma direta, obedecendo à ordem sujeito, verbo e complemento, direto e de forma fixa *Deus diligit hominim*.

Conforme mencionado, no que se refere aos substantivos, na língua latina, existem três gêneros que são: o substantivo masculino, o feminino e o neutro, este desaparece no latim vulgar e, conseqüentemente, não existe na língua portuguesa.

O latim clássico, ou *sermo urbanus*, utilizado por escritores, aristocratas, pessoas denominadas como cultas, é extremamente desinencial, isto é, pela desinência da palavra identifica-se a sua função dentro de uma oração, portanto não se obedecia a essa ordem que temos na língua portuguesa como sujeito, verbo e complemento, para exemplificar, nessa modalidade, dá-se preferência para o emprego do verbo ao final da oração, como em “*Petrus bonus est*” “Pedro é bom”; também o emprego do objeto indireto antes do direto, como em “*Petrus Mariae flores davit*” “Pedro deu flores à Maria”. Como é possível perceber, é a desinência que determina a função da palavra

Como é de nosso conhecimento, a língua latina possui seis casos, nomes dados à forma de escrever a palavra de acordo com a sua função na oração, para cada maneira de escrevê-la, foi atribuído um nome, que são chamados de casos

latinos. São eles: nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo e ablativo. O nominativo indica a função do sujeito como, por exemplo: “Pedro foi ferido na guerra. O sujeito é “Pedro.”, portanto o caso é o nominativo; o genitivo indica uma relação, principalmente de posse, entre o nome no caso genitivo e outro nome: “A casa de Pedro”, esse caso traduz o adjunto adnominal restritivo; o dativo é o caso que indica a pessoa ou coisa a que se destina uma ação ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza como, por exemplo: “Obedeço a meu pai”, esse caso traduz o objeto indireto; O acusativo é o caso gramatical usado para marcar o objeto direto de um verbo transitivo direto, como por exemplo; “Pedro Derrubou o Livro”; O vocativo indica chamada ou apelo, pode estar no início, no meio e no fim da frase, por exemplo, a frase: “Pedro, faça o serviço”, o vocativo, no caso, “Pedro”, está no início da oração; em Faça, Pedro, o serviço, o vocativo Pedro está no meio da oração; em Faça o serviço, Pedro, o vocativo está no final da oração. podemos identificar o emprego da pontuação, isso ocorre tanto no latim como no português e pode auxiliar na identificação do vocativo, o caso ablativo representa o adjunto adverbial e agente da passiva, indicando tempo, lugar, modo, causa, instrumento, quase sempre regido pelas preposições: “em”, “com”, “por”. Exemplo: Estamos em Coronel Vivida.

Declinar uma palavra é escrevê-la ou recitá-la em cada um dos casos latinos, uma palavra, em latim, pode ser escrita de seis maneiras diferentes, uma vez que a palavra pode exercer seis funções distintas, o latim possui cinco declinações, exemplo: a primeira declinação tem sempre o nominativo singular terminado em ‘a’ ‘e’, o genitivo em AE; a segunda apresenta o nominativo singular de quatro maneiras, isto é, pode terminar em us, er, ir e um, o genitivo singular sempre e I; a terceira declinação tem o nominativo terminado de diversas maneiras, porém o genitivo singular será sempre em IS; a quarta declinação tem o nominativo também variado, mas o genitivo será sempre em US; e a quinta tem um número reduzido de palavras e o genitivo sempre será em EI. Cabe lembrar que as declinações são flexões das palavras de acordo com a função exercida na oração, ou sejam sofrem flexões, assim como, assim como na língua portuguesa.

O Latim vulgar, segundo Coutinho (1976), falado pelas classes mais inferiores da sociedade romana, tanto no início do Império Romano como depois, pertenciam a essas classes uma grande multidão de pessoas consideradas incultas, aquelas que não tinha a preocupação com as formas artísticas ou literárias, encaravam a vida

pela forma mais prática. A ela pertenciam os soldados, os marinheiros, os agricultores, os artífices, os barbeiros, os sapateiros, os artistas de circo entre outros.

Esse latim se caracterizava no vocábulo, na fonética, na morfologia e na sintaxe, conforme já mencionado.

Vocabulário: pela preferência dadas a palavras compostas por expressões perifrásicas ou derivadas exemplo *ovicula (ovis)* ovelha, e, também, pelo sentido como *compare* = comprar e pelo emprego frequente de termos representativos de ideias, como belo - *bellus (pulcher)*, casa (*domus*).

Na Fonética, pela redução dos ditongos e hiato, como *aurum* que passa a *orum*; *praeda* a *preda*; na fonética ae era pronunciado como um ditongo, soando distintamente o a e o e. Pela transformação ou queda de alguns fonemas como em *iustitia* que passa a *justicia*, *rivus* a *rius*; pelo obscurecimento dos sons finais como em *docem* que passa a doce, *est* a es; pela tendência em evitar vocábulos proparoxítonos como em *masculus* que passa a *masclus*, *dominus* a *domnu*; pela perda da aspiração representada no latim clássico pelo H como em *habere* que passa a *abere*; pela transposição do acento tônico como em *cátedra* que passa a *cathédra*, *íntegrum* a *intégrum*; pela confusão entre *vinea* E e I como em que passa a *vinia*, *nubes* a *nubis*; pela desnasalização ou queda do N como em *ansa* que passa a *asa*, *mensa* a mesa; pelas assimilações como em *ipse* que passa a *isse* *persicum* a *pessicum*; pela prótese de um I nos grupos iniciais como em *stare* que passa a *istar*, *scribere* a *iscrebere*.

Na morfologia, pela redução das cinco declinações a três, por conta da confusão entre a quinta e a primeira e da quarta com a segunda; pela redução dos casos, uma vez que há a junção do nominativo ao vocativo e o dativo, genitivo e ablativo tornam-se desnecessários pelo emprego de preposições; pela tendência em tornar os nomes neutros em masculinos, quando no singular; pela substituição das formas sintéticas pelas analíticas do comparativo e superlativo; pelo uso do demonstrativo *ille*, *illa* e do numeral *unus*, *una* como artigos; pela confusão da segunda e terceira conjugações; pela transformação dos verbos depoentes em ativos; pela substituição do futuro imperfeito do indicativo por uma perífrase em que entrava o infinitivo de um verbo e o indicativo de *habere*; pelo emprego de uma perífrase verbal constituída pelo infinitivo e o imperfeito do indicativo; pelo uso do

mais que perfeito do subjuntivo pelo imperfeito do mesmo modo; pelo emprego de perífrases formadas pelo verbo *sum* e particípio passado de outro verbo, em lugar das formas passivas sintéticas; e pelo desuso de alguns tempos da conjugação do latim clássico.

Na sintaxe, pelas construções analíticas; pelo emprego constante das preposições; pela regência diferente de alguns verbos; e pela preferência pela ordem direta. Segundo o autor em tela, algumas dessas modificações também eram encontradas no latim clássico, porém com muito mais intensidade no latim vulgar.

Além das variações de gênero e número, o latim conta com as declinações, que indicam a função sintática da palavra na oração de acordo com o caso, que altera a desinência. Os verbos não se declinam, mas se conjugam.

No latim clássico, nas cinco declinações, os casos nominativo, genitivo, dativo vocativo e ablativo, geravam confusão em algumas terminações que contribuíram para que, no latim vulgar, houvesse uma queda de duas declinações, permanecendo apenas três, conforme mencionado, isso ocorreu pela confusão gerada em a quinta e a primeira declinação e entre a quarta e a primeira, tornando, dessa forma, mais frequente o emprego da preposição, que acaba praticamente tornando obrigatório.

Como consequência da redução das declinações, obviamente, ocorreu a também a redução dos casos que passam a ser desnecessários, restando apenas o nominativo e o acusativo, em vista disso, surge a necessidade da inserção de preposições para maior facilidade e clareza quanto ao sentido da língua que, posteriormente, passaram a ser obrigatórias (COUTINHO, 1976, p.226).

Neste trabalho, propusemos realizar um estudo voltado para o gênero neutro latino, com intuito de verificar se houve influência desse gênero na formação da língua portuguesa, sendo assim, consideramos necessário apresentar estudos realizados em torno desse tema.

O gênero neutro latino

Na língua latina, existem três gêneros que são: o masculino o feminino e o neutro, este desaparece no latim vulgar e, conseqüentemente, não existe na língua portuguesa.

Segundo Coutinho (1976), o gênero neutro deveria ser apenas para seres inanimados, como ocorria no indo-europeu. Faria (1958) afirma que o gênero natural nem sempre corresponde ao gramatical, e enquanto há distinção de masculino para feminino fazia-se, em vias de regras, o masculino se diferenciava do neutro pela desinência, alguns escritores confundiam, muitas vezes, o neutro com o masculino vejamos alguns exemplos, os neutros papaver, guttur e dorsos; em Varrão, murmur; em Lucrécio, caelus; em Petrônio, balneus, fatus, vasus e vinus dentre outros. A partir daqui, nos casos nominativo, acusativo e vocativo, começamos a observar os primeiros casos da eliminação do neutro por ser confundido com o masculino.

Na passagem do Latim Clássico para o Latim Vulgar, conforme já mencionado, houve uma confusão em certos casos, dentre esses casos o nominativo e o vocativo, o acusativo com o ablativo, o genitivo com o dativo ocorrendo uma fusão. No Latim Vulgar, a substituição do dativo pelo acusativo, e o ablativo foi sendo substituído por vários sintagmas proposicionais, ocorrendo a redução dos casos e com ele o desaparecimento do neutro, substituindo o gênero natural (pelos sentidos) pelo gênero gramatical (pela terminação).

No latim, os plurais neutros nos três casos nominativo, acusativo e vocativo faziam se em A, exemplo do substantivo brachium, nesses casos, no plural brachia, tornando-se masculinos, os substantivos neutros acabaram absorvidos pela masculinos da mesma declinação, modificando de declinação como foi o caso do neutro em -us, -iris, os casos da terceira declinação passam para a segunda declinação, nos casos acusativos, temos exemplos que confirmam como *lactem*, *sulfurem*, *marem*, *pectorem*, *reborem* etc.

A perda do gênero neutro afetou o vocabulário latino, no plural, o nominativo o vocativo e o acusativo terminados em -a foram considerados por acordo em substantivos femininos, na primeira declinação ex: ligna... ardet, quae pevtora, castra haec vestra est. Em alguns casos o plural permaneceu em português exemplo: ferramenta > ferramenta (instrumento de ferro), vestimenta > vestimenta (peça de vestuário), ligna > lenha (quantidade de madeira), animalia > animaria (conjunto de animais). Há pouquíssimos vestígios do neutro hoje no nosso vocabulário, o que são mais conhecidos são na categoria de pronomes: tudo, isto, isso, aquilo, o, al, algo.

Segundo Coutinho (1976), no latim neutro era comum as desinências e os qualitativos assumirem a forma neutra quanto aos substantivos exemplo: Pulchrum (o belo), Justim (o justo), (todas as coisas). Tais adjetivos substantivados são remanescentes, em português, do neutro latino: o belo, o justo, a perda do gênero neutro não atingiu seu ápice no primeiro período romano.

Os neutros são os que apresentam nominativo com a desinência *UM*. Porém, apresentam desinência semelhante em três casos iguais tanto no singular quanto no plural. Os casos são: o nominativo, o acusativo e o vocativo, que no singular terminam em *UM* e no plural, terminam em *A*.

O neutro latino é escrito igualmente em três casos, nominativo, acusativo e vocativo, tanto no singular quanto no plural. Para exemplificar tomemos a palavra *brachium*, que significa braço, no singular, nos três casos, escreve-se *brachium* e, no plural, nos mesmos casos, escreve-se *brachia*, por conta disso, podemos observar a possibilidade de se estabelecer uma confusão com o gênero masculino, no singular e com o feminino, no plural.

Para Bagno (2007, p.30), o gênero neutro abarca os seres inanimados em latim[.] "logo perdeu todo vínculo com a realidade objetiva e o gênero se tornou uma categoria exclusivamente gramatical e, portanto, arbitrária", Bagno ainda afirma que devido à semelhança de sua desinência com os nomes masculinos, também passaram a esse gênero, como em *templum* > *templu* > *templo*. As palavras neutras plurais do latim passaram a femininas singulares no português, como em ova (neutro plural) – ova (feminino singular); folia (neutro plural) – folha (feminino singular); lignea (neutro plural) – lenha (feminino singular); Como havia alguns nomes neutros na 3ª declinação, estes passaram para a 2ª, assumindo, em consequência, o gênero masculino.

Os autores Cunha & Cintra (2012, p. 209) afirmam que a gramática da língua portuguesa passou, especificamente, a ao gênero masculino e feminino, por serem palavras específicas a seres vivos, "nomes de animais que possuem um só gênero gramatical para designar um e outro sexo". Como por exemplo a águia, baleia e borboleta. O gênero neutro foi desaparecendo, conforme a categoria gramatical, para Faria (1958), desde o tempo arcaico, o neutro já tendia a desaparecer "a distinção dos gêneros animado e inanimado, isto é, do masculino-feminino e do neutro, não tinha uma estabilidade precisa".

Enquanto que a distinção de masculino para feminino se fazia, via de regra, por meio de uma alteração do próprio tema (femininos geralmente pertencentes ao tema em -a), a diferença de masculino para o neutro só se efetuava pela desinência, caracterizando-se os neutros pelo uso da desinência zero no nominativo-acusativo. (FARIA, 1958, p. 65).

Segundo Faria (1958, p. 59), "são do gênero neutro os nomes de frutos e metais, bem como as palavras indeclináveis, infinitivos verbais, termos e frases usados como se fossem substantivos".

Já os autores Pires e Monaretto (2012, p.169) afirmam que a partir da dialeção do latim, quase todas as desinências casuais deram lugar a preposições (com exceção dos casos nominativo e acusativo) e os três gêneros expressos foneticamente, de três passaram a ser dois. Posteriormente, o caso acusativo desapareceu no Latim Vulgar; tal mudança possibilitou o surgimento da forma atual dos gêneros masculino e feminino.

Portanto, ao longo da história, o apagamento do neutro foi se tornando cada vez mais visível, sendo impossível estabelecer qualquer distinção entre os dois gêneros. Dessa forma, foi absorvido pelo masculino. Segundo Coutinho (1976), mesmo muitos dos escritores da época confundiam o neutro com o masculino.

Não só o neutro sofreu apagamento os adjetivos, mas também os sufixos de comparativo – ior, que assimilava com o masculino e o feminino, e – ius, que comprova que a flexão de grau do neutro também foi prejudicada

É nesse sentido que o nosso estudo esteve voltado para o gênero neutro latino, em busca de verificar como essas transformações ocorreram, bem como as causas do seu desaparecimento, além de investigar se houve contribuição para a formação da língua portuguesa.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo principal o de verificar a contribuição do gênero neutro latino para a formação da língua portuguesa, bem como de investigar as causas do seu apagamento e quais gêneros assumiram na nossa língua, procurando compreender as causas dessas transformações.

Por meio dos estudos realizados por autores renomados e interessados pelo tema e, também, com intuito de que este estudo possa servir de auxílio para pesquisadores, professores e alunos que queiram ou tenham interesse em aprofundar conhecimentos sobre a influência da língua latina, especificamente, no que se refere ao gênero neutro, podemos concluir que o desaparecimento do neutro ocorreu durante o processo do latim clássico para o vulgar, com a redução dos casos e, conseqüentemente, das declinações, presentes no latim clássico. Segundo Coutinho (1976), no uso do gênero neutro, ocorria equívocos, até mesmo por parte dos escritores, uma vez que confundiam esse gênero com o masculino, diante disso, é possível inferir que se os escritores faziam tal confusão, imaginamos as pessoas consideradas incultas. Além disso, também ocorreu o enfraquecimento ou queda do M, do acusativo singular e do S, no acusativo plural, o que acaba intensificando a confusão com os casos nominativo, vocativo e acusativo do neutro que se fazia com a desinência A. Sendo assim, podemos, juntamente com o autor, afirmar que o gênero neutro acabou sendo absorvido pelo masculino, sobretudo, quando no singular.

Como o acusativo plural do gênero neutro latino tem a terminação em A, foram considerados, por analogia, substantivos femininos, identificando com a primeira declinação, permanecendo na língua portuguesa nos nomes feminino que, em sua maioria terminam A.

Podemos observar que ainda existem alguns resquícios na língua portuguesa e em nossas gramáticas. Como, por exemplo, nos pronomes demonstrativos e indefinidos, os adjetivos e infinitivos do substantivo.

Percebemos também que a queda do neutro, foi somente porque não se poderia denominar os seres, cujos sexo não poderia ser definido. No entanto não afastou o português de manifestações como: “O que é aquilo?” nessa sentença citada, não é possível identificar o sexo dos seres, a categoria gramatical neutra sucumbiu semanticamente, diante da incapacidade de que o gênero real sempre se ajusta ao gênero gramatical. Concluímos, então, que a língua nem sempre obedece a uma regularidade, e que as categorias gramaticais resistem quando condiz a um designo linguístico.

Salientamos que este estudo não pode ser considerado como concluído, uma vez que ainda há muito o que se trabalhar quando se trata de estudo histórico da construção da nossa língua.

Referências

BAGNO, Marcos. **Gramática histórica**: do latim ao português brasileiro. Brasília: UNB, 2007. Disponível em: www.gpesd.com.br/baixar.php?file=100 Acesso em: 02 jan. 2021.

CÂMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 3.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO, Manoel. **Gramática Histórica**: colegial e vestibulares. 6. ed. São Paulo: Ática, 1970.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. (1985). **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2012.

FARIA, Ernesto. **Gramática superior da língua latina**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

JESUS, S. N. de. Contextualização histórica do léxico da língua latina: (A constituição linguística e suas variantes formais). *In*: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS; 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 2070-2087. Disponível em Artigo: http://ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_linguisticos/pfd_linguisticos/097.pdf Acesso em: 02 jan. 2021.

OLIVEIRA, S. T. A operacionalidade dos vestígios Dos neutros latinos no discurso escrito; Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos; **Revista Philologus**, Ano 22, N° 66 Supl.: Anais da XI JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2016 257; Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO22/66supl/0020.pdf> Acesso em: 02-01-21.

PIRES, Caroline de Castro; MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. O que aconteceu com o gênero neutro latino? Mudança da estrutura morfossintática do sistema flexional nominal durante a dialeção do latim ao português atual. **Revista Mundo Antigo**, ano I, v. 01, n. 02, dez./2012. Disponível em: <http://www.nehmaat.uff.br/revista/2012-2/artigo09-2012-2.pdf> Acesso em: 01 fev. 2020.

